



Produtor obtém lucro com arroz

NEILA BALDI
SÃO PAULO

Pela primeira vez, nos últimos quatro anos, o produtor de arroz do Rio Grande do Sul está vendendo a safra a preços médios acima do custo. Levantamento do Instituto Riograndense do Arroz (Irga) mostra que 44,3% da produção gaúcha — estimada em 7,44 milhões de toneladas — já foi comercializada, a um valor médio de R\$ 28 a saca (50 quilos), quando o custo foi de R\$ 26.

Mas a rentabilidade foi maior para quem resolveu vender depois que o governo anunciou que iria intervir no mercado. Do total, 16% foram negociados até o dia 22 de abril — a um preço médio de R\$ 24 a saca, considerando o início da safra, 1º de março, segundo a Safras & Mercado. Até aquele momento, 80% da safra tinha sido colhida. O restante foi comercializado depois daquele dia, quando o governo anunciou que faria leilão de seus estoques, pois até ali a cotação do cereal — seguindo o embalo do mercado internacional — havia se valorizado, no mês, 32%, de acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Ce-

LUCRO

Produtor consegue vender arroz acima do custo*

	Até 22 de abril	Até 31 de maio
Colhido	80%	100%
Comercializado	16,1%	44,3%
Preço médio (em R\$/saca)	24,25	34,00

Fontes: Irga e Safras *R\$ 26 a saca

pea/USP). Esses, obtiveram, em média, R\$ 34 por saca, até 31 de maio (período do levantamento). Segundo a Safras & Mercado, no primeiro período de comercialização a valorização do preço do grão foi 28,5% e, no segundo, 13,6%.

O presidente do Irga, Maurício Fischer, diz que o volume é superior a outros anos — apesar de a instituição não ter levantamentos anteriores. Opinião semelhante tem o secretário-executivo do Sindicato da Indústria Arrozeira do Rio Grande do Sul (Sindarroz), César Gazzaneo, lembrando que a venda nesta época ocorre para o pagamento de compromissos. "Muito arrozeiro fixou na parcela de vencimento", diz Fischer.

"Quando o mercado sinalizou que ia cair, eles (produtores) ven-

deram", diz o analista da Safras & Mercado, Elcio Bento. Na sua avaliação, a partir de agora, com a menor oferta do governo — tinham sido quase 280 mil toneladas em maio e serão apenas 50 mil toneladas em junho — o preço deve se estabilizar. "A expectativa é que o mercado volte a atuar naturalmente", diz o presidente da Federação dos Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz), Renato Rocha. Segundo ele, além do preço, o que fez com que a comercialização avançasse foi a necessidade de pagamentos de dívidas.

Ele acrescenta também que a alta de abril acompanhou o cenário internacional — naquele mês, na Tailândia (que baliza o mercado), a valorização foi de 50% em relação ao anterior — e que, se isto não ti-

vesse ocorrido, haveria uma entrada grande de produto do Mercosul que, junto com a colheita, derrubaria as cotações. A tese de analistas de mercado e do setor é que os países vizinhos passaram a vender para outros lugares, mais atrativos que o Brasil, diante de um preço internacional recorde, decorrente de menor relação mundial estoque e consumo (17%) desde 1984.

Rocha diz ainda que o número do Irga "confirma a tese de que não havia especulação". Há uma semana, o diretor de Gestão de Estoques da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Rogério Colombini Moura Duarte, afirmou que o setor estaria manipulando o mercado e que as cooperativas gaúchas teriam 7 milhões de toneladas em suas mãos, ou seja, quase toda a safra do estado. Ele não apresentou um levantamento estatístico que comprove seus números e questionou os dados do Irga. "Eles (arrozeiros) que provem que venderam. Para exportação que não foi e a indústria está abastecida com o governo. Se tivessem vendido tudo isso, o preço do arroz estaria lá embaixo", afirma. A estatal promete divulgar os estoques privados na segunda-feira.